

ARTEFATOS CULTURAIS

LIVRO

O MENINO QUE BRINCAVA DE SER

Dhemersson Warly Santos Costa*

Carlos Augusto Silva e Silva**



Ser menino, rei, árvore, rainha, mago, sapo, bruxa, planta, sereia, princesa, leão, príncipe, menina... Uma Menina! No mundo da fantasia, “Ser” não tem forma, padrão, modelo ou preconceito.

É neste mundo que vive Dudu, o personagem central da estória “O Menino que brincava de ser”, escrita por Georgina Martins no ano de 2000. Na obra, a autora aborda questões atuais como o (des)respeito à diversidade, a discriminação e o preconceito.

*Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará (2016) campus de Altamira-PA.

**Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará (2014). Atualmente é aluno de Mestrado pelo Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, Universidade Federal do Pará.

Dudu é um menino inocente, no esplendor dos seus 6 anos de idade, que percebe no “faz de conta” possibilidades para brincar de ser aquilo que sua imaginação criar – inclusive, personagens femininos. As atitudes do garoto borram os padrões socialmente impostos por uma sociedade heteronormativa, que determina modelos de ser e estar no mundo, provocando ainda a decepção no pai, que o considera doente; além do ódio nos colegas da escola, que passam a lhe perseguir, ofender e o agredir. Eis aí o que Dudu “não” quer ser.

O drama familiar ganha proporções maiores quando Dudu decide viver sua vida para além dos contos de fada, tornando-se uma menina. Sim! Dudu queria ser menina. Como conseguir? Aonde ir? Com quem falar? Em meio a tantos questionamentos, surge uma luz no fim do túnel... Para ser Menina, basta passar três vezes por debaixo de um arco-íris, disse-lhe Mariana, uma colega da escola.

Dudu começa então uma jornada em busca de um arco-íris. Nessa aventura, ele conta com a inusitada ajuda de sua avó, que o entende. Durante a viagem, a avó propõe ao menino que façam uma pequena parada em um mundo encantado! Um lugar onde personagens se (des)encontram nas suas mais infinitas formas, criam para si novas possibilidades de se (re)inventarem numa estética da existência, do diferente, que fissuram processos discriminatórios e cristalizadores da sexualidade... O teatro. Maravilhado com aquele mundo mágico, Dudu decidiu que não queria mais ser menina e nem ser menino: Dudu queria ser um ator.